

EZEQUIEL FREIRE

*Do Illustrado Escrip
to Agrippino Grieco,
Hommage to
Alfredo Freire
Jairo Freire*

≡ **LIVRO** ≡

POSTHUMO

SÃO PAULO
WEISZFLOG IRMÃOS

— 1910 —



EZEQUIEL FREIRE

(A' guisa de prefacio)

I

Um dos mais bellos espiritos que o Brasil literario tem produzido foi, sem duvida, Ezequiel Freire, o poeta das *Flores do Campo*. Tome-se aqui o qualificativo *bello* no estricte rigor de sua significação esthetica, e não como simples epitheto,—desses que se empregam, vulgarmente, para tudo exprimir sem exprimir cousa alguma. Si Ezequiel pertencesse á geração literaria de hoje, eu diria mesmo que elle fôra um perfeito, um puro estheta; mas, ainda assim, não daria toda a caracteristica do seu espirito. Porque o estheta de hoje, é bem de ver, aprecia sómente o bello através da arte, exclaindo, pôde dizer-se, o bello natural, ao passo que o autor deste livro o que mais adorava era justamente a Natureza nua e virgem, sem os embelecões da arte. Afigura-se-me que, a tomar um termo proprio entre os que modernamente adquiriram fóros de cidade na republica das letras e que synthetizam as idéas de uma determinada corrente literaria, o de *naturista* lhe assentaria melhor, porque esse, pelo menos, nos daria a idéa do amor puro, do grande amor que o poeta votava, antes de mais nada, ás cousas da Vida no seio aberto da Natureza.

Dahi a sua despreocupação de escolas literarias, apesar de ter elle apparecido por volta de 1874, numa phase da nossa literatura em que cantavam poetas como Fontoura Xavier, Theophilo Dias, Affonso Celso Junior, Carvalho Junior, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Mariano de Oliveira, Lucio de Mendonça, Arthur de Azevedo e outros,—todos mais ou menos, dispostos a abandonar as tradições ultimas do romantismo de Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella e, portanto, apparelhados a seguir qualquer tendencia nova, comtanto que não lhes trouxesse esta o bafio de um passado literario de descommedido sensibilismo poetico.

Nota-se, por isso, que alguns desses poetas, de começo, comquanto apresentassem uma inclinação nova, um sentimento diverso do dos primeiros e segundos romanticos, não tinham, comtudo, adquirido ainda uma feição assás caracteristica e definitiva do movimento poetico então iniciado.

Assim, Fontoura Xavier nada mais era do que um Victor Hugo reduzido com idéas de Prudhon, como se pode ver



no seu já esquecido *Regio Saltinbanco*; Theophilo Dias, apesar de ser o poeta de raça desde a *Lyra das Verdes Annuos*, já patenteava, ao de leve, a sua predilecção por Charles Baudelaire, — predilecção que mais tarde se accentuara a ponto de elle nos dar as *Fanfarras*, em que é manifesta a influencia daquelle poeta francez; Affonso Celso Junior tinha já o seu poeta de cabeceira — era o Gonçalves Crespo das *Miniaturas*, notando-se que dessa influencia existe algo em produções dos *Devaneios*, e depois, em outras das *Telas Sonantes*, posto que menos directa; Carvalho Junior entregava-se todo a Charles Baudelaire nos seus sonetos de poesia carnal, que estão hoje olvidados, mas que foram então muito apreciados pela sua nota francamente, escandalosamente sensual; Valentim Magalhães atrelava-se ao carro victorioso da poesia junqueiraana com os seus versos visivelmente decalcados sobre os do grande poeta luzitano, e estava ás voltas com a Idéa Nova, consoante se observa nos *Cantos e Luctas*; Alberto de Oliveira, comquanto tivesse dado aos seus versos o titulo de *Canções Românticas*, já falava do lyrismo condemnado dos trovadores antigos com o desdem olympico de quem sente em si uma alma nova, a qual, porém, oscillava entre esta e aquella orientação, entre esta ou aquella influencia de poeta estrangeiro; Lucio de Mendonça já preludiava, nas suas *Necos Matutinas*, uma poesia pessoal e politica a um tempo, reflexo, em parte, da escola hugoana na sua phase de idéa social; Arthur Azevedo já havia dado á estampa tres opusculos — *O dia de finados*, *A rua do Ouvidor* e *Sonetos*, em que a impressão de Nicolau Tolentino era visivel.

Pois Ezequiel Freire, diga-se a verdade, entre esses cantores brasileiros que posteriormente se emanciparam de influções estranhas, accentuando cada qual a sua individualidade, como é facil verificar nas respectivas obras que consecutivamente publicaram depois, Ezequiel Freire já nesse tempo, trazia nas *Flores do Campo*, aqui e alli, uma nota bem accentuada de lyrismo pessoal, que mereceu de Machado de Assis justas referencias em artigo de critica que o inolvidavel mestre publicou então sobre a nova gente que surgia no mundo das letras patrias.

«As *Flores do Campo*, escrevia Machado de Assis, volume de versos dado em 1874, tiveram a boa fortuna de trazer um prefacio devido á penna delicada e fina de D. Narcisa Amalia, essa joven e bella poetisa, que ha annos aguçou a nossa curiosidade, com um livro de versos, e recolheu-se depois á *turris eburnea* da vida domestica. Rezende é a patria de ambos; além dessa afinidade, temos o da poesia, que em suas partes mais intimas, do coração, é a mesma. Naturalmente, a sympathia da escriptora vai de preferencia ás composições que mais lhe quadram á propria indole, e, no nosso



caso, basta conhecer a que lhe arranca maior applausos para adivinhar todas as delicadezas da mulher. D. Narcisa Amalia applande sem reservas os *Escravos no Eito*, pagina da roça, quadro em que o poeta lança a piedade de seus versos sobre o padecimento dos captivos. Não se limita a applaudir, subcreve a composição. Eu, pela minha parte, subcrevo o louvor; creio também que essa composição resume o poeta. A pintura é viva e crua; o verso cheio e energico. A invectiva que forma a segunda parte seria, porém, mais energica, si o poeta nol-a desse menos extensa; mas ha alli um sentimento real de commiseração. Notam-se no livro do sr. Ezequiel Freire outros quadros da roça. Na roça, é o proprio titulo de uma das paginas mais interessantes; é uma descripção da casa do poeta á beira do terreiro, entre moitas de pita, com o seu tecto de sapé; fóra, o tico-tico remexe no farello, e o gurundy salta na grumixama; nada falta, nem o mugir do gado, nem os jogos dos moleques.

O gado muge no curral extenso;
Um grupo de moleques d'outra banda,
Brinca o *tempo-será*; vem vindo as aves
Do parapeito rente da varanda.

No carreador de além que atalha a matta
Ouvem-se notas de canção magoada.
Ai! sorrisos do céo—das roceirinhas!
Ai! cantigas de amor—do camarada!

Nada falta; ou só falta uma cousa, que é tudo; falta certa moça, que um dia se foi para a Côte. Essa ausencia completa tão bem o quadro que mais parece inventada para o effeito poetico. E creio que sim. Não se combinam tão tristes saudades com o pico final:

O' gentes que moraes ahi na côte,
Sabei que vivo aqui como um lagarto.
O' ventos que passaes, contae á moça.
Que ha duas camas no meu pobre quarto.

Não sei si escreveu mais versos o sr. Ezequiel Freire; é de suppor que sim, e é de lastimar que não.

Esta longa referencia de Machado de Assis vale por uma consagração do poeta das *Flores do Campo*.

Tenho á mão esse livro de Ezequiel Freire, dividido em tres partes. Nas duas primeiras expande-se o autor nesse lyrismo pessoal dos que nascem poetas e não se fazem a poder dos dictionarios de rimas, e na ultima se nos depara uma collecção de poesias satyricas, quasi todas allusivas a factos e pessoas do conhecimento do poeta no meio em que viveu.



E' nas duas primeiras partes que Ezequiel se revela um naturista por excellencia, isto é, um poeta, que, antes de tudo, viu na natureza gloriosa e fecunda a fonte directa de suas inspirações, um poeta que, sobre tudo, amou a Terra e a Vida, não com a preocupação prioristica de as transformar no bello artistico, mas como um filho amantissimo de uma e de outra, que elle procurou engrandecer através da arte do seu verso.

Não fez ahí uma *literatura* para o *literato*, não fez uma obra artistica para o artista, não empregou jogos de phrases, nem subtis notações de *nuances* sentimentaes, não seguiu canones de escolas, não teve moldes apropositados mas falsos e convencionaes, não se deixou dominar pelo subjectivismo enfermico dos pesquisadores do *au delà*, não foi um pantheista de seita philosophica. O que elle fez, sem ambages, com sinceridade, com verdade, foi exprimir-se integralmente, — numa feliz expressão de Albert Fleury, quando se referiu ao Naturismo, — exprimindo sua alma, seu coração e seu cerebro, comprehendendo-se através de todas as cousas e comprehendendo todas as cousas através de si mesmo.

Dahi a relação que parece existir entre o nosso poeta e os naturistas de hoje.

Hoje, que o leio no silencio do meu gabinete de estudo, em que se enfileiram, nas estantes, as obras dos parnasianos, dos symbolistas, dos decadistas, dos néodecadistas, dos satanistas, dos instrumentistas, dos terribilistas, etc., sua poesia assume, para mim, o caracter de uma verdadeira reconciliação com a Vida e com a Natureza, com a Terra e com o Céu, com os Homens e com a Sociedade, — reconciliação que o Naturismo de hoje proclama, pela prosa sincera de um de seus mais ardorosos propagandistas, S. G. de Bouhélier, o autor da *Eglé* [poemas], e do livro moral *L'hiver en méditation ou les passe-temps de Clarisse*. «A literatura, a meu ver, conceitua S. G. de Bouhélier, deve regenerar os espiritos, crear nelles uma fé nova, celebrar a belleza das cousas, despertar todos os sentimentos do ideal. Compete aos poetas constituir uma theogonia e constituir leis. A arte, pois, tem por fim dar aos homens, ao mesmo tempo, a belleza, uma legislação e uma religião. Vêde bem como vou longe, attribuindo à arte um caracter civico, humano e nacional.»

Convém, entretanto, não confundir o naturismo com o naturalismo. Maurice Le Blond faz, assim, a distincção entre uma e outra theoria literaria: «O naturista oppõe-se ao naturalista, preferindo a enção à observação. A arte, para o naturista, não é mais, como promulgou E. Zola, a Natureza vista através de um temperamento, é a propria Natureza que se volatiliza, se transverba ou se immobiliza, conforme a encara o musicista, o poeta ou o pintor.»



Bouhéliier, por isso, exprime-se do modo seguinte, quando apresenta a sua profissão de fé: «Um poeta canta a aurora, o verão. O cantico em que elle os celebra não lhe pertence. E' do proprio verão e da aurora que elle apprendeu — hymno enorme, egloga de ouro. O que elle recita lhe foi segredado. A Natureza, por sua bocca, se exprime.»

Ezequiel Freire tambem assim pensava, pois, mesmo neste livro, assim define elle a inspiração: «a integração da alma do Poeta com a da Natureza.» E acrescenta: «E agora venho encontrar tal conceito apadrinhado no juizo de Schiller. Em seu tratado da «Poesia ingenua e sentimental», Schiller chega a afirmar que o prazer por nós sentido perante a Natureza é menos uma satisfação do senso esthetico, do que do senso moral; pois esse prazer nasce de uma concepção do espirito e não immediatamente do puro facto da intuição. Donde provém, pergunta o profundo poeta allemão, o encanto que em nós produzem uma flor modesta, uma pedra revestida de musgo, o regato murmuroso, o gazar dos passaros, o zumbir dos insectos? Porque os amamos?—E' porque nelles contemplamos a vida e sua acção latente, os effeitos que os seres, por si mesmos, pacificamente produzem, a existencia segundo suas leis proprias, a necessidade íntima das cousas e a unidade eterna de sua natureza.»

Ainda mais trizante se torna a consonancia do pensamento do poeta com os naturalistas de hoje, quando elle, neste mesmo livro, ao estudar um poemeto de Luiz Murat, exclama: «E' esta maravilhosa Natureza; esta exuberancia universal de força, que é só contemplarmol-a, para em nós vibrarem todas as córdas da gamma sensitiva, desde a ternura melancolica até ás poderosas commoções do sublime!»

Não se pense, entretanto, que, com fazer de Ezequiel um naturalista, pretendo subordinar-o a uma theoria litteraria, a uma escola, a um grupo de escriptores que se orientam por estas ou aquellas idéas ou sentimentos. Longe disso. Basta dizer que o auctor das *Flores do Campo* foi sempre um emancipado, um independente, para logo se ver que não é esse o meu intuito, e que isto de escolas é apenas uma questão de palavras, pois que em litteratura, como em tudo mais, segundo a phrase de V. Hugo, não ha sinão o bom e o mau, o bello e o disforme, o verdadeiro e o falso, sendo que isso mesmo é ainda muito relativo.

Como Ezequiel Freire, porém, adquiriu a convicção de que só a natureza pode tornar o homem grande e o artista verdadeiro? a convicção de que a natureza, com as suas leis immutaveis, ainda quando anniquila, é benefica e justiceira? a convicção de que é no seio della que se acha o repouso para o espirito e a saude para o corpo?



E' que o poeta viu deslizar serenamente a sua infancia e parte de sua adolescencia numa propriedade agricola do seu velho progenitor — Fazenda da Boa Vista — no municipio de Rezende.

A vista dos campos, das florestas, das estradas cheias de sol, das pradarias esmaltadas de flores, tudo isso lhe deixou no espirito profundas e vivas impressões, que jámais se apagaram no transcurso de sua vida, e, ao contrario, á medida que o poeta se afastava pelos annos dessa quadra ridente e venturosa, mais se lhe avivavam na memoria e se lhe exaltavam na imaginação, que as transfigurava com as mais fulgentes cores em ricas imagens.

As impressões recebidas na infancia perduram, as mais das vezes, por toda a vida.

Foi a minha infancia, dizia V. Hugo, que fez do meu espirito o que elle é. Ernesto Renan, André Theuriet e Pierre Loti, para não citar outros, que receberam igualmente tão vivazes impressões infantis, tendo estas influido no seu espirito no decurso da vida de cada qual, são exemplos que podem servir de escora á these que attribue á influencia local a originalidade intima e a seiva exuberante do talento de um escriptor.

A solidão melanconica da Bretanha, apesar da educação scientifica e moderna de Renan, teve sempre uma poetica repercussão nos seus escriptos.

André Theuriet, nas suas mais bellas recordações da juventude passada em Lorraine, pouco se refere ás pessoas que alli conheceu, mas é prodigo de enthusiasmos pelas suas flores, seus campos e suas arvores.

Pierre Loti recebeu igualmente decisiva influencia da sua mocidade florescida em plena natureza. M. J. Viaud é o seu nome de baptismo. Mas elle o tomou de emprestimo a uma flor, pois o termo Loti, como observa Lemaitre, nada mais é do que o genitivo de lotus, a flor do olvido e do sonho. Faticado dos homens e de suas perfidias, Loti exclama algures: « Laissons tout, et jouissons seulement, au passage des choses que ne trompent pas, des belles créatures, des beaux chevaux, des beaux jardins et des parfums des fleurs ».

Nas *Flores dos Campos*, o distincto poeta, á guisa desses e outros escriptores que associaram a Natureza ás suas tristezas e ás suas alegrias, encontra-se, a cada lanço, a cada momento, uma palavra, uma phrase, uma referencia que lhe traduzem o vivo sentimento do amor das cousas, através das quaes parece descobrir sempre uma alma secreta, um mysterioso encanto, um prestigio irresistivel. Para elle, com para Buffon, cada vegetal é um animal que dorme; na pedra bruta ha uma palpebra secreta que se lhe decerra á retina espirital; a luz, gloriosa ao nascer ou merencoria ao desapparecer, é para elle um hymno ou uma alegria; um simples farrapo de nevoa que



se esgarça na crista de alpestre montanha, a voz dolente de um sabiá no recesso das mattas virgens, o sussurro do vento nas arvores, o esvoaçar de uma borboleta, o cahir de uma folha murcha no outomno, o queixume de um regato que corre, embaraçoso, por entre asperos seixos, o esmaecer do crepusculo de uma tarde de inverno, a entrada solenne da noite, uma nesga do céu estrellado, tudo tem para elle uma significação, uma linguagem, uma traducção, que o faz sorrir ou entristecer, ou rir e chorar a um tempo, conforme o seu estado d'alma.

O poeta satura-se da Natureza, na phrase do proprio auctor, á pagina 166 deste livro, recolhe a impressão daquellas vozes e daquellas tintas ao tabernaculo de sua alma: adora Pan... e hoje, logo, depois, restitue á grande harmonia universal dos séres a emoção sentida, sob uma fôrma artistica, vasada em molde imperecedouro.

Demais, Rezende, a terra em que o autor nasceu, se prestou a inspirar o seu genio poetico.

Narcisa Amalia, a talentosa poetisa que prefaciou o livro de Ezequiel Freire, descrevendo-a, assim se exprime: «Vejo ainda, perdida no interior de minha provincia, uma pequenina cidade em cujo regaço a Musa parece repousar com as mesmas delicias com que repousa a ave na concha tepida do ninho materno. A luz que ali cõa serena através das purissimas camadas aéreas, os rumores exquisitos da natureza meio selvagem que sobem, unisonos, com o sol, que o seguem durante o dia como a um rei, durante a prosperidade, o concerto de lisonjas, e expiram quando elle descamba além das cordilheiras, inundam a alma de irisações limpidas e de jubilos inefaveis... A claridade vacillante de suas noites, o encanto que exercem, o brilho que externam as estrellas immobilizadas sobre o azul profundo do firmamento que a protege, convidam á meditação, impellem brandamente aos gosos ethereos do extase as imaginações contemplativas... O sendal de nevoas com que a envolvem o inverno, o thyrsos de flores com que a adorna a primavera e a aureõla de scentelhas electricas com que a corõa o estio; os accidentes do solo, ora dilatado, ora depresso pela fusão ou pelo resfriamento das lavas que outr'ora corriam ardentés por suas fibras; a paizagem maravilhosamente linda que se estende sobre essas ondulações infinitas, o Itatyaia que as limita ao longe como uma cortina negra desdobrada do céu: — tudo concorre para exaltar a phantasia juvenil; tudo conduz á adoração das potencias da natureza nas suas mais suaves e violentas manifestações».

Foi, pois, no seio dessa natureza virgem, — accrescenta Narcisa Amalia, mais ao deante, — que se librou a imaginação de Ezequiel Freire; foi sobre a relva humida das campinas, cercado de cantos e de murmurics, que o joven neophito das musas se familiarizou com os bardos nacionaes e folheou as melhores concepções dos genios modernos.



A atilada prefacista enumera de preferencia, entre os cantores nacionaes que o autor mais lia, Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Bernardo Guimarães e Joaquim Serra, e, entre os estrangeiros, Victor Hugo.

Só por essa enumeração se vê que o meio physico em que se expandia o genio do poeta era condizente ao meio intellectual que sobre elle influia pela impressão das leituras, pois sabido é que Gonçalves Dias cantou a natureza e foi o poeta dos selvagens, chegando a crear o *indianismo*; que Varella produziu os *Cantos da Roça e da Cidade* e o *Ecangelho nas selvas*, em que se nota, de par com a poesia pessoal e subjectiva, a poesia exterior e paizagista, saturada das mais fortes impressões da natureza; que em Bernardo Guimarães deixou o brasileirismo fundos traços, pois nos seus *Cantos da Solidão* é notavel seu lyrismo naturalista, opulento de tintas sertanejas e vibrante desse tom de linguagem, peculiarmente brasileiro; e que Joaquim Serra, finalmente, pertenceu a essa pleiade de poetas do Norte, fundadores de uma escola chamada «sertaneja», como se pode ver, para não citar outras, as suas composições *O mestre de reza*, *Cantiga á viola* e o *Rocceiro de volta*.

Quanto a Victor Hugo, o poderoso e genial cantor estrangeiro com quem o autor mais convivia espiritualmente, ninguém ignora que poeta algum como elle amou com tanto ardor pantheista a Natureza, pois são d'elle estes versos bastante significativos:

Toute l'immensité sombre, bleue, étoilée,
Traverse l'humble fleur du penseur contemplée.

E todos esses poetas elle os lia e relia á sombra das arvores, no entre-seio florido dos convalles, ou á margem do rio Parahyba, sob a copa frondosa do ingáseiro a que se refere na poesia das *Flores do Campo*, intitulada *A Estancia*.

Desta copada arvore
A' sombra extensa ondula
Em placido balanço,
Das ondas no remanso,
Ygara pequenina,
Leve. O terral agita
A frança do ingáseiro
E as flores — em chuveiro
Desprendem-se dos galhos,
— Como descem orvalhos
Do seio da alvorada;
A onda enamorada
Leva comsigo as flores;
Porém as minhas dores
A' sombra ficam presas
Desta copada arvore...



Nesta encantada estancia,
Que o mundo não conhece
Onde o rumor não desce,
Sinão amortecido,
Tenue, subtil, trazido
No revoar do zephyro;
Neste sitio recondito,
E' que medito as paginas....

O dr. Chrispiniano Freire, irmão da poeta, confabulando um dia commigo, a respeito de alguns casos referentes á vida do autor das *Flores do Campo*, descreveu-me esse ingáseiro e o local em que se achava, mas, com tanta expressão, com tanto sentimento de sua paizagem, que se me gravou na memoria tudo quanto elle me disse... «Era um grande e copado ingáseiro, dizia-me o irmão do poeta, á margem do Parahyba, na barra de um correjo, por onde sahia a agua que tocava o moinho na fazenda da Boa Vista. O ingáseiro tinha diversos troncos, alguns dos quaes emergiam da agua e outros sahiam da barranca marginal; as extremidades dos ramos que pendiam sobre o rio, rasavam a superficie da agua, formando um verdadeiro tapume de verdura, além do qual nada veria quem estivesse á sua sombra. Nesse ponto, a agua era remançosa e formava um magnifico pesqueiro, onde pesquei tantas vezes em companhia do Ezequiel. A côpa dessa bella arvore, como tinha de diametro cerca de oito metros, do lado da terra, tocava com as suas ramas o sólo. Era desse lado que o Ezequiel ficava, para ler os livros que trazia. Enfim, far-se-ha uma idéa desse ingáseiro, imaginando-se um guarda-sól aberto, com o cabo enterrado no sólo até ás pontas das barbatanas.»

Foi talvez, nesse umbroso retiro, que se idealizou grande parte das poesias das *Flores do Campo*.

II

Ezequiel Freire, adorando a Natureza com o fervor e a fé viva de um crente, teve particular predilecção pelas flores, a ponto de intitular o seu primeiro livro de versos — *Flores do Campo*.

Clicias abertas a medo
Sob a folhagem da palma...

São flores singelas que nasceram nos carrascaes do sertão e que não viçam nos jardins engradados das cidades, porque são mais livres do que os ventos; entretanto, vivem de seiva — uns cuidados — no chão dos seus soffrimentos, como diz o poeta. Que soffrimentos? perguntará o leitor. E' que Ezequiel, — ninguém ignora este facto, — amon, no alvorecer de sua

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

